

TRABALHO

Falta de acesso a empréstimos baratos, ao conhecimento e à qualificação profissional para que brasileiros abram negócios e vençam por conta própria são alguns dos fatores que deixam os trabalhadores à margem do mercado

As lições do desalento

Raolino de Souza tem 31 anos, mora numa invasão no Varjão, Lago Norte, com a mulher, dois enteados e uma filha recém-nascida. Ele se julga um vencedor por ter escapado das consequências do desalento há seis anos. Na época, não conseguiu arranjar trabalho depois que deixou um emprego de motorista particular, lembra Raolino, que estudou até o primeiro ano do segundo grau. Na época da demissão, não era casado e morava com a mãe. Procurou emprego por alguns meses. Desistiu e durante um ano ficou em casa o dia inteiro. Tinha vergonha de ser visto por vizinhos e amigos. Por pouco não caiu nas drogas. Ele conta que mudou seu destino depois que voltou a frequentar a Igreja Adventista do 7º Dia. Uma religiosa lhe arranhou emprego. Agora, desempregado outra vez, promete não esmorecer. Leia ao lado as lições que Raolino tirou do desalento.



ABATIMENTO

"Tive depressão. Não tinha coragem de sair de casa. Ia dormir de noite e queria que não amanhecesse."

REVOLTA

"Tinha pensamentos esquisitos. Ficava pensando mal dos outros que estavam melhor que eu. Amaldiçoei Deus. Cheguei a pensar em entrar nas drogas, mas não tive coragem."

LAR CONTURBADO

"Minha mãe brigava comigo, dizia que estava ficando velha e que eu tinha que ajudar."

FRUSTRAÇÃO

"O desalentado fica vendo televisão e fica doidinho vendo anúncio de sapato, de curso de vigilante... E não tem dinheiro pra nada."

ARREPENDIMENTO

"Me arrependo de não ter terminado os estudos, de ter deixado o quartel."

FALTA DE PAI

"Acho que me faltou conselho, um pai que colocasse a mão no meu ombro e dissesse: 'Filho, espera mais um ano nesse emprego, para conseguir a vitória'. Meu pai nos abandonou quando eu tinha três anos."

EXEMPLO

"Penso nos meus filhos. Quero ser conselheiro deles. Ensinar que eles têm que se agarrar no emprego."

FUTURO

"Agora vou pegar firme. Se eu desistir, meus filhos passarão necessidade."

Antonio Siqueira

**RAOLINO
CHEGOU A TER
VERGONHA DE
SER VISTO POR
VIZINHOS E
AMIGOS**

Mulheres são maioria

O desalento, no Distrito Federal, atinge um número de mulheres duas vezes maior que o de homens (leia quadro na página 6). É o reflexo da pressão da sociedade sobre as pessoas do sexo masculino, que carregam o peso de provedor das famílias. Segundo os técnicos do Dieese, o desalento também é pior entre pessoas com menor escolaridade e renda, e migrantes. Reflexo, dizem os economistas, da competição global por empregos, principalmente depois da abertura do Brasil aos mercados externos.

Para o economista Jorge Saba Arbache, professor da UnB, o aumento dos investimentos e importações estrangeiras desde 1991 tornou o mercado de trabalho mais exigente. Uma das razões é a utilização de tecnologias avançadas que reduzem a utilização de mão-de-obra, principalmente com baixa qualificação. "Quando se abre uma economia com grande quantidade de pobres e desempregados, como a nossa, esse

estoque aumenta. O trabalhador passa a competir com pessoas de outros países", argumenta.

Por outro lado, diz, não há acesso ao crédito e ao conhecimento para que essas pessoas abram seus próprios negócios e vençam por conta própria. "Por isso o desalento atinge menos pessoas com nível superior. Geralmente elas têm formação e um estoque de riqueza que lhe permitem sobreviver", afirma. Para um jornalista desempregado, exemplifica, um computador e um telefone bastariam para garantir trabalhos autônomos.

O gerente de Atendimento ao Empregador da Secretaria de Trabalho, Adriano Silva, confirma que a situação é pior para quem tem menos escolaridade e não consegue comprovar experiência de trabalho. "Recebemos mil vagas por mês. Conseguimos convencer as empresas na questão do limite de idade, mas quanto à escolaridade e qualificação não tem jeito."